



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a '19 Recantos e Outros Poemas', de Luiza Neto Jorge]

Sofia de Sousa Silva

Para citar este documento / To cite this document:

Sofia de Sousa Silva, "[Recensão crítica a '19 Recantos e Outros Poemas', de Luiza Neto Jorge]", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 159-161.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Recensões críticas

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

Luiza Neto Jorge 19 RECANTOS E OUTROS POEMAS

Organização de Jorge Fernandes da Silveira e

Maurício Matos

Apresentação de Jorge Fernandes da Silveira

Biobibliografia de Gastão Cruz

Rio de Janeiro, 7Letras / 2008

Jorge Fernandes da Silveira, organizador juntamente com Maurício Matos da antologia *19 Recantos e Outros Poemas*, de Luiza Neto Jorge, lançou certa vez num ensaio a seguinte hipótese: «na obra de um grande escritor há uma estrutura artística rigorosamente tensa e coerente, porque inalienável de suas imagens primárias». A frase, então suscitada pela análise da poesia de Jorge de Sena, talvez possa também aplicar-se à de Luiza Neto Jorge. Trata-se de uma autora de ideias fixas, em cuja obra se lê uma surpreendente retomada e reelaboração de temas, questões, imagens.

Já no primeiro livro se anuncia uma des-sas constantes: «Vou correr mundo» (do poema em prosa «Subitamente Vamos pela Rua»). A ideia de deslocamento, de longa tradição na poesia portuguesa, adquire uma nova formulação com a obra desta autora, onde se alargam seus sentidos e implicações. Deslocar-se implica aqui buscar o outro, buscar a diferença,

questionar hábitos e fórmulas prontas (de pensamento e de vida), duvidar do já dado, «questionar os significados socialmente fixados», como diz Jorge Fernandes da Silveira na apresentação, intitulada «Implicâncias: Luiza, duas ou três coisas à minha maneira». Deslocar é ainda questionar os papéis de género, atribuindo-lhes novos lugares nesta escrita que se inventa «para o relato de tudo» («Recanto 19»). Aqui, nada nem ninguém pode estar demasiado rígido ou equilibrado, como explica o «senhor professor doutor» do poema «Exame».

A ideia de correr mundo, presente no primeiro livro, é retomada no «Recanto 1», onde «homens atravessam o largo cosmos»; no «Recanto 2» — «Sempre viver incluiu andar percorrer voar» — e num poema de *A Lume*: «De eléctrico andava a correr meio mundo» («Anos Quarenta, os Meus»). O movimento que atravessa esta poesia, onde são tão abundantes os meios de transporte (*avião, barco, comboio, autocarro, submarino, eléctrico, nave*) e os instrumentos de navegação (*bússola, leme*), tem a função de nos conduzir a outro sentido, um «sentido ambulatório» («Recanto 2»).

A conquista desse outro sentido, por sua vez tampouco rígido ou equilibrado, requer o emprego de uma língua nova. Assim é que os versos se vêem «cortados por elipses frasais e semânticas», como aponta o prefácio, e os sintagmas criados fazem uma provocação ao nosso sentido de familiaridade. Os «três mastros de virtude» são «a fé a espera / a caridade»; o

cinto é de «castigar-te»; alguém «afro- / Dizi[a]» algo. Busca-se uma língua que recupere o seu vigor, na qual construções coloquiais e lugares-comuns, como «A vida está cada vez mais cara» ou «Não há respeito por ninguém», são devidamente deslocadas de seu contexto habitual, num gesto a que não falta o humor. O poema convoca o leitor a participar da construção do seu sentido, o poema é uma interpelação, um «dedo / agudíssimo claro / apontado ao coração do homem» («O Poema»). Como corpo insurrecto, recusa-se a deixar em paz quem lê e quem escreve. Essa linguagem vigorosa é certamente dotada de sensualidade, e o acto da escrita é em si mesmo carregado de erotismo. Mais do que falar sobre o erotismo, a poesia de Luiza Neto Jorge revela-se uma experiência de dissolução de fronteiras, uma experiência que se lhe pode ser comparada. E é por isso que o poema ensina a cair. A aprendizagem da poesia é a aprendizagem de uma queda: sobre vários solos, sobre vozes de autores que se lêem e citam. É uma queda de amor em que o sujeito se dissolve, a sua voz se mistura com a dos que o precederam: «as armas e os varões / no meio da alma e no corpo assinalados» («Recanto 17»), «já caem com a calma as avestruzes» («SO-NETO JORGE, Luiza»).

O deslocamento vem articular-se com o amor: «Conheço toda a terra só de amar:» («SO-NETO JORGE, Luiza») e não pode haver dúvida de que o desejo é uma das forças motrizes desta poesia. O desejo é proveniente de uma falta, que se assume e que move a correr mundo. Há uma falha, uma imperfeição, uma inquietude, que no entanto formam «a fecunda ausência» de que fala «O Poema Ensina a Cair».

A antologia organizada por Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos é extremamente hábil em permitir que o leitor entreveja a estrutura artística tensa e

coerente da obra de Luiza Neto Jorge. Em apenas 124 páginas, *19 Recantos e Outros Poemas* consegue incluir textos de todos os livros publicados em vida pela autora, bem como de *A Lume*. Integram ainda o volume séries completas como «As Casas», além, é claro, de *Dezanove Recantos*. É esse o único ponto em que o critério cronológico da aparição dos poemas não é seguido, pois o livro de 1969 fecha a antologia, vindo depois dos poemas dos anos 70 e 80. Mas isto parece dever-se a uma escolha conceitual. Ao ler os poemas em sequência, o leitor vai sendo preparado para os recantos, que surgem como coroação de um projecto de escrita.

Talvez sejam os *Dezanove Recantos* a obra onde se mostra melhor a «escrita revolucionária» de Luiza Neto Jorge, de que fala a apresentação. Nesse conjunto, que faz «ressoa[r] o passado poético da mais nobre escritura portuguesa», «retomando os cantos camonianos, revertendo-os e infiltrando-lhes a máxima luxúria verbal e erótica», conforme palavras de Roberto Corrêa dos Santos no texto de badana, narra-se uma outra epopeia, protagonizada por seres com características simultâneas de gente comum, de animais e de máquinas. E a demanda desses seres é da libertação do corpo, dos géneros e dos seus papéis convencionais, da sexualidade. E isso não no âmbito de uma vida de grande feitos heróicos, mas na vida quotidiana, também ela rica em aventuras.

O deslocamento ganha uma nova formulação com o verbo *contornar*, anunciando na «Proposição» do poema. *Contornar* tanto faz pensar no périplo africano de Vasco da Gama como no próprio gesto de qualquer poeta da língua diante da obra de Camões. Assim, deseja-se não apenas contorná-la, mas também desfocá-la, fazê-la dizer outras coisas, de outros modos. Inserir mais personagens e mais proezas na sua travessia.

De facto, não podemos deixar de concordar com a apresentação quando nela se diz que já passava da hora de o público brasileiro ter acesso à poesia de Luiza Neto Jorge. E só por essa razão a publicação de *19 Recantos e Outros Poemas* já seria facto a ser celebrado. Acrescente-se a isso o apuro e o rigor na realização do trabalho a quatro mãos: indica-se a proveniência de todos os poemas incluídos no volume, há bibliografia de e sobre a autora cuidadosamente preparadas, um auxílio valioso para quem quer que deseje aprofundar o conhecimento da sua obra. A edição enriquece-se ainda com a presença de uma biobibliografia, escrita por Gastão Cruz, publicada anteriormente no número 18 da revista *Relâmpago*.

A consistência desse trabalho dá testemunho da actuação, há mais de quarenta anos, de um professor de literatura portuguesa no magistério superior no Brasil. A relação de Jorge Fernandes da Silveira com os poetas de 61 é longa e sólida. Em 1986, publicou a tese de doutoramento *Portugal Maio de Poesia 61*, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, e desde então tem permanecido um fiel leitor da geração, especialmente de Fiama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge e Gastão Cruz (de cuja obra organizou recentemente a antologia *A Moeda do Tempo e Outros Poemas*, publicada no Brasil pela Língua Geral em 2009). A dedicação de Jorge Fernandes da Silveira frutificou no trabalho de um ex-orientando, Maurício Matos, estudioso da poesia camoniana, que afirma ter sido o seu interesse por Camões despertado pela leitura de *Dezanove Recantos*.

Assim, a antologia que o leitor brasileiro tem agora à sua disposição pode ser lida a partir de linhas de força da poesia portuguesa desde as origens. O amor, a viagem, a experiência, a mudança adquirem outra face na obra de um dos maiores poetas do século XX em língua portuguesa. Resta ao

leitor seguir o conselho dado na capa do livro, onde um cartaz na parede do apartamento de Luiza Neto Jorge diz: «Fatiguez votre cœur!» Podia ser um verso seu.

Sofia de Sousa Silva

Vasco Graça Moura
O CADERNO DA CASA DAS
NUVENS

Porto, Afrontamento / 2010

O Caderno da Casa das Nuvens, de Vasco Graça Moura, reúne um conjunto de 37 poemas¹, com a beleza e a elegância a que a sua poesia, desde sempre, nos habituou. Poemas de amor, escritos no Portugal minhoto, durante a estada do poeta na *casa das nuvens*, como tem o cuidado de nos explicar no breve texto que escreveu para a abertura do livro, este ciclo de poemas desenvolve-se a partir de pequenos registos autobiográficos que rapidamente se ficcionalizam noutros sinais, noutras paisagens e noutras habitações para além das da realidade daquela casa na margem sul do rio Minho. Descrevendo a casa e a paisagem minhota, donde se avista já a da Galiza, estes poemas evocam dialogicamente uma tradição de paisagens literárias e de poéticas do amor: desde as de Bernardim Ribeiro, passando pelas de Camões, Sá de Miranda e Rosália de Castro, entre outras. Aproveitando a situação geográfica desta *casa das nuvens* — quase na fronteira Portugal/Galiza —, Vasco Graça Moura recupera a tradição lírica galaico-portuguesa, recriando alguns dos seus temas (a natureza, a saudade, o amor) e alguns dos seus recursos formais (a cantiga, com sequências paralelísticas, por exemplo). Ainda a reforçar a linhagem provençal, também os locais do encontro amoroso são as margens do rio e o mar. A esta tradição galaico-portuguesa, salientada pelo diálogo